

ORGANIZAÇÃO

BETH BRAIT

BAKHTIN, DIALOGISMO E CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

2ª EDIÇÃO REVISTA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PECORA – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – WILSON CANO

EDITORA UNICAMP

X 58458

O OUTRO DA PERSONAGEM: ENUNCIÇÃO, EXTERIORIDADE E DISCURSO

Mônica Graciela Zoppi-Fontana*

Gostaria de começar esta reflexão com uma citação de Mikhail Bakhtin: “O que é que eu entendo por ‘eu’, ao falar e ao viver: ‘eu vivo’, ‘eu morrerei’, ‘eu sou’, ‘eu não serei’, ‘eu não tenho sido’. Eu-para-mim e eu-para-o-outro, outro-para-mim. O homem em frente do espelho. O *não-eu* em mim, algo que é maior do que eu em mim, o ser em mim” (Bakhtin, 1979, p. 369).¹

Com essas palavras Bakhtin esboçava, entre 1970 e 1971, o projeto para um ensaio sobre *Antropologia filosófica*. Nessas anotações, vemos retornar questões que perpassam toda sua obra e que focalizam o tema da *autoconsciência*, isto é, a maneira como se organiza, segundo Bakhtin, a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e que ele denomina o *eu-para-mim*.

O interesse dessa questão para nossa reflexão é que o tema da autoconsciência mobiliza conceitos que representam um desvio ou uma nova modalização na abordagem do *dialogismo*, conceito central do seu universo teórico. Nas relações dialógicas que se estabelecem entre o *eu* e o *outro*, entre o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*, aparece um novo elemento que é aquele *não-eu-em-mim* maior do que o *eu-em-mim* que citávamos no início. Uma modalidade do eu que tende a anular o *eu-para-mim* para se definir como *outro dos outros*.

* Professora do IEL-UNICAMP e pesquisadora do LABEURB-NUDECRI, UNICAMP.

¹ As citações de Bakhtin (1979) são tomadas da edição em espanhol e traduzidas para fins deste trabalho.

No mesmo texto Bakhtin continua: “O eu se esconde no outro e nos outros, quer ser unicamente outro para outros, entrar até o fim no mundo dos outros como um outro, liberar-se do peso do único *eu* no mundo (*eu-para-mim*)” (Bakhtin, 1979, p. 369).

Aparece, então, na definição da autoconsciência um espaço de representação² que se define como um *retorno do eu sobre si mesmo* que não coincide com o eu (a representação que o sujeito faz de si mesmo, o *eu-para-mim*) nem com o outro (a representação de si que o outro devolve ao sujeito, o *eu-para-o-outro*).

O que nos interessa observar é que, ao mesmo tempo em que aparece explicitada uma certa não-coincidência do sujeito consigo mesmo, se afirma o caráter único do lugar do eu ocupado pelo sujeito, que o diferencia e separa irredutivelmente dos outros e do mundo dos outros.³ No seu trabalho intitulado *Autor e herói na atividade estética*, escrito provavelmente entre 1920 e 1924, Bakhtin explicita essa diferença ao tratar da vivência do próprio corpo como autoconsciência e como aparência: “Para nosso problema, é de extrema importância o lugar único que ocupa o corpo no único mundo concreto em relação ao sujeito. Meu corpo é, basicamente, um corpo interior; o corpo do outro é basicamente um corpo exterior” (Bakhtin, 1979, p. 49).

² Frege (1978) diferencia a representação do sentido e da referência das palavras e das sentenças. A representação de um objeto é sempre representação desse objeto para alguém (isto é, para um certo indivíduo) e, nesse sentido, as representações têm, segundo Frege, um caráter subjetivo, psicológico, individual, aleatório. Em Bakhtin, trata-se da imagem (no sentido de aparência, de visual) que o sujeito faz de si. Nesse contexto, a noção de representação que usamos para explicitar nossa leitura dos textos bakhtinianos deve ser entendida, como explicitaremos adiante, relacionando-a com a noção de identificação imaginária, definida por Pêcheux (1975).

³ Na citação, esse movimento de afirmação da unicidade e centralismo do eu manifesta-se pela presença do verbo *quer*, que dessa maneira predica uma vontade do sujeito. *Ser outro, entrar no outro e liberar-se de si*, mesmo que expresse no dito uma vontade de dispersão, no funcionamento age no sentido contrário, centrando o sujeito enquanto origem dessa vontade.

Para trabalhar teoricamente essa diferença que, ao mesmo tempo, afirma o eu como experiência e o nega como representação, Bakhtin mobiliza o conceito de *extraposição* e seu correlato, o conceito de *excedente de visão*. Esses conceitos retornam insistentemente no seu trabalho ao longo dos anos e são utilizados para descrever a relação do autor com as personagens no romance, do eu e do outro no acontecimento de comunicação, do leitor atual em relação a obras e culturas anteriores e do cientista (principalmente das ciências formais e naturais) diante do objeto de conhecimento.

Nesse texto, Bakhtin define ambos os conceitos em relação à *“vida real”*: “Este excedente de minha visão que existe sempre em relação a qualquer outra pessoa, esta sobra de conhecimento, de posse, está determinada pela unicidade e a insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque neste lugar, neste tempo, nestas circunstâncias, eu sou o único que me coloco ali, todos os outros estão fora de mim” (Bakhtin, 1979, p. 29).

Bakhtin também define, considerando a atitude estética, a posição do autor como uma posição de extraposição em face das personagens: “A fórmula geral da atitude esteticamente produtiva do autor frente a seu herói é a de uma intensa extraposição do autor em relação a todos os momentos que constituem o herói; é uma colocação de fora, espacial e temporalmente falando, dos valores e do sentido, que permite armar a totalidade do herói” (idem, op. cit., p. 21).

Em um trabalho recente, Lemos (1994) aponta para a aparente contradição teórica que opõe a noção de romance polifônico e, em geral, a noção de dialogismo, a esta noção de excedente de visão do autor, que permite concluir e fechar o herói como totalidade acabada. No percurso de leitura que a autora segue no seu texto, ela aponta também para a complementaridade que se estabelece, no acontecimento comunicativo, entre o excedente de visão do falante e do ouvinte, cada um concluindo a partir de sua posição extraposta a imagem incompleta do outro, cuja autoconsciência se reduz a uma vivência interior (o eu-para-mim) que não possui

representação exterior. Em efeito, segundo Bakhtin, a minha aparência é sempre construída a partir da representação que o outro produz de mim: a autoconsciência do meu ser no mundo só se dá através da compreensão ativa e valorativa do outro que me enxerga enquanto corpo exterior que se destaca do seu entorno.

Feitas essas observações iniciais, eu queria propor uma leitura dos textos de Bakhtin que acompanha os trajetos temáticos⁴ desenhados por duas metáforas que sustentam o trabalho de definição analógica dos conceitos de dialogismo e de autoconsciência: a *metáfora da voz* e a *metáfora do olhar*.

Como é sabido, as relações dialógicas que, segundo Bakhtin, definem o acontecimento da linguagem são relações de sentido que se estabelecem entre enunciados produzidos na interação verbal. Nesse sentido, o conceito de dialogismo sustenta-se na noção de *vozes* que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e lingüísticos que atravessam a enunciação. Assim, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem a, isto é, que compreendem ativamente os enunciados. Sendo que para Bakhtin a consciência individual “só pode surgir e se afirmar como realidade através da encarnação material em signos” (Bakhtin, 1929, p. 33) e, dado que o signo só aparece entre indivíduos socialmente organizados, o conceito de consciência individual só pode ser entendido como “um fato sócio-ideológico: a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social” (Bakhtin, 1929, p. 36).

Como podemos observar, o trajeto temático desenhado pela metáfora da voz na obra de Bakhtin permite definir de forma ma-

⁴ A noção de *trajeto temático* é definida por Guilhaumou e Maldidier (1994) como o conjunto de configurações textuais que, de um acontecimento a outro, referem a um mesmo tema, permitindo analisar a aparição de um enunciado em relação ao “horizonte de expectativas” — ou seja, ao conjunto de possibilidades atestadas numa situação histórica dada — e ao acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades.

terialista as relações dialógicas que se estabelecem entre os sujeitos e os enunciados na interação verbal, que adquire dessa maneira espessura histórica. Porém, o trajeto temático que se sustenta na metáfora do olhar introduz certos elementos idealistas nesse quadro conceitual.

Relembrando a definição do conceito de *excedente de visão*, observamos que se produz um deslizamento de um sentido metafórico que o caracterizaria como “ponto de vista ou visão de mundo”, o que supõe uma mediação representacional, para um sentido que refere à presença empírica do sujeito falante e a sua atividade perceptual. O conceito de *extraposição*, por sua vez, apóia-se em uma categorização física das coordenadas espaço-temporais, a partir da qual se impõe o conhecido princípio de que dois corpos não podem ocupar um mesmo espaço ao mesmo tempo. Como conseqüência teórica dessas interferências, o lugar do sujeito falante é definido como único e irreduzível, a relação estabelecida com o outro a partir desse lugar é considerada irreversível⁵ e a autoconsciência coincide com a dimensão do *eu-para-mim*, definida como vivência interior emocional e imediata, sem mediação representacional. Interessa observar que Bakhtin, ao mesmo tempo em que define o lugar único do sujeito no mundo, estabelece uma relação de complementaridade com o outro que lhe serve de espelho e é precisamente essa relação especular a que permite que, por um processo de identificação imaginária, “a partir do sujeito concreto individual... se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum” (Pêcheux, 1975, p. 127).⁶

⁵ Bakhtin (1979, p. 29) define essa irreversibilidade da seguinte maneira: “Na vida real, a correlação que existe entre o eu e o outro é irreversível... porque uma percepção real da totalidade concreta pressupõe um lugar muito determinado para o espectador: sua unicidade e sua encarnação”.

⁶ Pêcheux (op. cit.) denomina esse processo de identificação *mito continuísta empírico-subjetivista*.

São esses mesmos elementos de cunho fenomenológico que permitem a redefinição do *eu* da relação dialógica como o *outro do outro*, abrindo um espaço de não-coincidência do sujeito consigo mesmo que define uma nova dimensão da relação dialógica: a dimensão do *não-eu-em-mim*, que descrevemos no início desta reflexão.

Alguns autores, entre eles Lemos (1994) e Brait (1994), têm apontado já para o fato da presença sub-reptícia de um terceiro, de um *ele* observador ou dramaturgo, como elemento constitutivo, embora contraditório, do conceito de dialogismo tal como ele foi desenvolvido por Bakhtin ao longo dos anos. Eu mesma refleti sobre essa questão em trabalhos anteriores (Zoppi-Fontana, 1989; 1994; 1995), que se propunham caracterizar o estatuto enunciativo e discursivo dessa dimensão (“o lugar do observador”) da relação dialógica.

Se colocamos esse tema novamente para a discussão, não é com o intuito de criticar possíveis incoerências da obra bakhtiniana, mas para refletir sobre elas enquanto indícios dos limites que enfrentam as teorias lingüísticas que tratam da questão da enunciação. Nesse sentido, chama a atenção o fato de que, desde as colocações pioneiras de Bréal (1897) sobre o elemento subjetivo da linguagem até as recentes teorias da semântica argumentativa e da polifonia, reencontramos ao longo dos anos as duas metáforas que descobrimos nos textos de Bakhtin, as quais aparecem frequentemente combinadas como metáfora teatral.

Seguindo o trajeto desenhado pela utilização dessas metáforas, percebemos como os diferentes autores elaboram o conceito de *subjetividade na linguagem* a partir da construção de uma oposição “dentro/fora”, que configura um certo “lugar de exterioridade” para um sujeito constituído como interioridade originária. Assim, observamos que, conjuntamente com uma reflexão teórica sobre o *elemento subjetivo da linguagem*, se desenvolveu um trabalho de descrição analógica de um certo “lugar de exterioridade”, que ingressa na teoria através de processos metafóricos de significação e dificilmente chega a atingir uma elaboração conceitual.

Vejamos as descrições dos mecanismos de enunciação propostas por Bréal (1897) e por Ducrot (1982). No seu *Ensaio de semântica*, Bréal (op. cit., p. 157) descreve o que ele chama de desdobramento da personalidade humana:

Se é verdade, como se pretendeu algumas vezes, que a linguagem é um drama em que as palavras figuram como atores e em que o agenciamento gramatical reproduz os movimentos das personagens, é necessário pelo menos melhorar essa comparação por uma circunstância especial: o produtor intervém freqüentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal, não à maneira de Hamlet que, mesmo interrompendo seus atores, permanece alheio à peça, mas como nós mesmos fazemos no sonho, quando somos ao mesmo tempo espectador interessado e autor dos acontecimentos. Essa intervenção é o que proponho chamar o *aspecto subjetivo da linguagem*.

Por sua vez, Ducrot (op. cit., p. 271) refere-se à sua teoria polifônica da enunciação em termos que lembram uma representação teatral:

Na linguagem cotidiana, o locutor seria o que é o autor na linguagem teatral (e, aliás, o que seria o narrador no relato). O enunciador, por sua parte, corresponderia à personagem de teatro (e ao sujeito de consciência do relato). Assim como o autor Molière põe em cena personagens como Don Juan e Sganarelle, assim o locutor põe também os enunciadores em cena.

A partir destas citações e considerando as colocações já feitas em relação à obra de Bakhtin, observamos que os processos metafóricos, pelos quais se descreve o funcionamento da enunciação, se organizam em duas direções:

1) Como *encenação*, o que leva a considerar uma multiplicidade de figuras enunciativas (máscaras) mostradas pelo enunciado, organizadas em relação à figura do locutor, que funciona (pela presença ou ausência) como princípio organi-

zador. Nesse caso, entende-se o “desdobramento da personalidade” como uma multiplicação dos lugares de enunciação disponíveis para o sujeito, o qual fica necessariamente fora do jogo enunciativo, irreduzível na sua posição de autor/diretor da peça.

2) Como *lugar de estranhamento*, isto é, como o espaço que produz um olhar externo revertido sobre o próprio sujeito, que lhe permite observar-se no acontecimento de linguagem e, como efeito desse olhar, reconhecer-se como sujeito da/na linguagem. Em outras palavras, essa interpretação da metáfora do teatro leva necessariamente a considerar uma posição de exterioridade do sujeito em relação a si mesmo, produzida na e pela própria linguagem, que obriga a entender o “desdobramento da personalidade” como a representação na língua de uma cisão constitutiva do sujeito, autor e espectador ao mesmo tempo do acontecimento de linguagem.

Essa representação do sujeito de enunciação como autor e espectador do acontecimento de linguagem permite mascarar um fato de linguagem que retorna insistentemente na forma de metáfora, por constituir-se resíduo que escapa aos esforços de teorização das abordagens enunciativas. Nesse sentido, poderíamos dizer que a metáfora do olhar, a metáfora do teatro e as noções de extraposição e excedente de visão, que elas contribuem para sustentar, fazem sintoma de um real que se manifesta nos seus efeitos. Esse fato de linguagem é a divisão estrutural do sujeito, na sua relação necessária e constitutiva com um exterior que o determina de “dentro”.⁷

Assim, a aparente contradição que localizamos em Bakhtin pode ser reinterpretada como os indícios de um trabalho da teoria

⁷ Orlandi (1996) diferencia essa noção de exterioridade da abordagem de teorias pragmáticas que pensam a exterioridade como algo que está fora do sujeito e da linguagem. Para uma abordagem discursiva, essa exterioridade é constitutiva da relação do sujeito com o mundo e com a linguagem e não é da ordem do empírico, mas da ordem do simbólico. Ela se constitui como *interdiscurso*.

com seus limites internos. Como por efeito de *boomerang*, quando a teoria toca nesse real, produz-se um recuo teórico para algum tipo de conceituação da subjetividade que garanta a unidade do sujeito em algum nível de representação. A metáfora do olhar, com o que ela implica de centro de percepção e de distanciamento, permite realizar esse recuo estratégico.

A partir de uma abordagem materialista e não-subjetiva da enunciação, a nossa proposta sugere trabalhar a representação do sujeito como *efeito* de determinações históricas e ideológicas que o constituem enquanto eu da enunciação. Assim, a dimensão do eu-para-mim e do não-eu-em-mim, do sujeito enquanto autor e enquanto testemunha do acontecimento de linguagem, as noções de excedente de visão e de extraposição, todas essas representações seriam consideradas efeitos necessários da relação que o sujeito estabelece com a sua exterioridade constitutiva. Exterioridade que a teoria psicanalítica localiza no Outro do inconsciente, e a análise do discurso de filiação francesa define como *interdiscurso*, enquanto memória dos processos de constituição do dizer, isto é, como o conjunto do dizível e do interpretável (Orlandi, 1996) dadas determinadas condições de produção, historicamente definidas.⁸

Assim, a partir da determinação dos enunciados pelo interdiscurso, podemos definir um efeito de sentido que afeta a representação do sujeito, que preferimos chamar de *ilusão de exterioridade* e que é resultado não da posição supostamente única que ocuparia o sujeito da enunciação no mundo, isto é, em termos de Bakhtin, da sua *extraposição*, mas que é produzido pelos processos de interrelação/identificação ideológica que constituem o sujeito.

Seguindo Pêcheux (1975, p. 128), podemos definir esses processos de identificação a partir do mito continuísta empírico-subje-

⁸ Orlandi (1992, p. 4) define *interdiscurso* como uma memória do dizer que abrange o universo do dizível e que “fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas”.

tivista que permite o deslizamento da posição do eu para a posição do sujeito universal através de sucessivos deslocamentos identificatórios: “se eu estivesse onde tu (você)/ele/x se encontra, eu veria e pensaria o que tu (você)/ele/x vê e pensa”, onde *x* representa o último plano de generalização, o do sujeito e dos enunciados universais.

Retomando a metáfora do “*olhar do autor/espectador*”, redefinimos esse imaginário “lugar do observador”, como *efeito de ilusão de exterioridade*, isto é, como um dos lugares de inscrição ideológica possível para o sujeito na sua relação constitutiva com a história e a linguagem.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Yara F. Viera. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- . *Estética de la creación verbal*. Comp. de trabalhos inéditos escritos entre 1919 e 1974, 1ª ed. em russo 1979. Trad. Tatiana Bubnova. México: Siglo XXI, 1982.
- BRAIT, Beth. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”, in Diana Pessoa Barros e José Luiz Fiorim (orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 11-17.
- BRÉAL, Michel (1897). *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Trad. Eduardo Guimarães et al. São Paulo: EDUC, Pontes, 1992.
- DUROT, Oswald (1982). “La noción de sujeto hablante”, in *El decir y lo dicho*. Trad. Sara Vasallo. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GUILHAUMOU, J. e MALDIDIER, D. “Efeitos do arquivo. As análises do discurso no lado da História”, in Eni Orlandi (org.), *Gestos de leitura. Da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LEMS, Cláudia de. “A função e o destino da palavra alheia”, in Diana Pessoa Barros e José Luiz Fiorim (orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 37-43.
- ORLANDI, Eni P. de. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- . *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. de Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. "El tercero excluído: de los exilios de la lengua", *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 16, 1989, pp. 75-96.

_____. Modernização e discursos democráticos: porta-vozes esclarecidos nos tempos da transição. Tese de doutorado, IEL, UNICAMP. Campinas, jun., 1994.

_____. "Processos de nomeação e interpelação política", *Cadernos Instituto de Letras*, nº 13, UFRGS, jul., 1995, pp. 95-104.

A DIALOGIA E OS EFEITOS DE SENTIDO IRÔNICOS

*Maria Lília Dias de Castro**

Os aportes da teoria bakhtiniana trouxeram significativa contribuição ao estudo do texto e do discurso.

A partir da estreita ligação entre linguagem e sociedade, Bakhtin entende o processo de significação como o resultado das estruturas sociais. A própria enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é entendida como um acontecimento de natureza social.

Nessa perspectiva, a ideologia determina a linguagem.

Segundo Bakhtin, a lingüística sempre se limitou ao estudo da língua em seus fenômenos concreto-semânticos; é, então, à metalingüística que cabe o estudo dessa língua com a respectiva realização, e aí já se fala em discurso. A metalingüística, voltada para aqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam os limites da lingüística, possui objeto autônomo e tarefas próprias.

O fato de trabalhar a integridade concreta e viva da língua e os aspectos da vida concreta do discurso revela o caráter dialógico do objeto da metalingüística. Esse enfoque dialógico, espécie de posição interpretativa, é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, se essa palavra for signo da posição interpretativa de um outro.

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.